



# manzuá

## ARTIVISMO RESPIRATÓRIO: Uma Proposta De Educação Remota No País Irrespirável

Artigo

Bárbara Kanashiro Mariano – USP

Diego Alves Marques – USP

Denise Pereira Rachel – CIEJA

### Resumo:

Este artigo discute as implicações éticas, estéticas, políticas e educativas da ação Respirações (ALTSULER, 2008; RACHEL, 2014). Trata-se de uma abordagem em educação remota realizada pelo Coletivo Parabelo com o CIEJA Ermelino Matarazzo, no intuito de mantermos vivos os vínculos entre professores, estudantes e a escola pública durante a crise sanitária e política que assola o país (MBEMBE, 2020). Nesse viés, apresentamos a noção de ativismo respiratório como uma crítica ao corrente processo de normalização da vida virtual (GIORGI, 2020) no âmbito da educação básica pública.

**Palavras-chave:** Vídeo aula de performance; Arte por instrução; Educação Remota; EJA

### Abstract:

This article discusses the ethical, aesthetic, political and educational implications of the action Respirações (ALTSULER, 2008; RACHEL, 2014). It is an approach to remote education carried out by Coletivo Parabelo with CIEJA Ermelino Matarazzo, in order to keep alive the bonds between teachers, students and the public school during the health and political crisis that plagues the country (MBEMBE, 2020). In this way, we present the notion of respiratory activism as a criticism to the current process of normalization of virtual life (GIORGI, 2020) in the scope of public basic education.

**Keywords:** Performance video class; Art by instruction; Remote education; AE



# manzuá

## 1. Contra a asfixia política: a criação de aulas de arte remotas na educação básica pública no país irrespirável

*O horizonte, visivelmente, está cada vez mais sombrio. Presa em um cerco de injustiça e desigualdade, boa parte da humanidade está ameaçada pela grande asfixia, e a sensação de que nosso mundo está em suspensão não para de se espalhar.*

Achille Mbembe

*É triste que o ar seja a única coisa que compartilhamos, não importa quão próximos estejamos, sempre há ar entre nós.*

*Também é bom que o ar seja algo que todos compartilhamos, não importa quão longe estejamos, o ar é o elo entre nós.*

Yoko Ono



Respirações: Série Distâncias – Junho/2020 – Arquivo Coletivo Parabelo

Para o filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe, a maior parte da humanidade já estava ameaçada de asfixia muito antes do surgimento da COVID-19. Essa asfixia acometeria os corpos submetidos a uma respiração difícil e ofegante, a uma vida penosa. A dificuldade de respirar não é metáfora para corpos enquadrados socialmente como pretos, pobres, indígenas, mulheres, lgbtqi+, imigrantes e encarcerados, chegando mesmo às vias de fato – ao comprometimento das vias respiratórias e circulatórias



# manzuá

que desencadeia a morte. A partir disso, Achille Mbembe defende aquilo que denomina como o direito universal à respiração (MBEMBE, 2020). Neste caso, respirar não se reduz a uma condição puramente biológica. Antes, diria respeito a algo primordial a toda forma de vida na Terra – o direito fundamental de existir. Como tal, não seria passível de quantificação, exploração e apropriação. O direito universal à respiração seria uma espécie de garantia das espécies em habitar o planeta, em partilhar com seus habitantes uma vida comum.

Mas como esse direito poderia ser assegurado em realidades como a brasileira, onde a retirada de direitos fundamentais deixa de ser uma ameaça para se tornar política oficial? Milícias, reformas, queimadas, rachadinhas, *fake news*, falso moralismo religioso, apologia à ditadura civil-militar, disparada no preço de itens da alimentação básica e incessantes ataques às minorias sociais em termos de direitos: ao fazer a gestão da morte simbólica, jurídica, econômica, ambiental e mesmo biológica dos grupos sociais desprivilegiados, o governo Jair Bolsonaro (sem partido) tem feito com que a intersecção entre crise sanitária, crise política e crise econômica não seja outra coisa senão a implementação de políticas asfixiantes, responsáveis pela manutenção de uma nação de sufocados, enquanto, a passos largos o Brasil se torna um país irrespirável. Diante disso, poderíamos perguntar: o que fazer para garantir o direito universal à respiração?

Para o filósofo e historiador camaronês, não se trata de recompor um planeta Terra habitável, para que ele ofereça a todos a possibilidade de uma vida respirável. Se trata sobretudo de reconhecer o liame que nos vincula ao conjunto dos vivos, ou ainda, de costurar os fios esgarçados, arrancados e despedaçados por uma política tão letal quanto um vírus. Nessa perspectiva, o Coletivo Parabelo ([www.coletivoparabelo.com](http://www.coletivoparabelo.com)) tem dado continuidade à criação de aulas de



# manzuá

arte com o CIEJA Ermelino Matarazzo, uma escola pública municipal localizada no bairro de Ermelino Matarazzo na zona leste de São Paulo, destinada ao ensino de jovens e adultos<sup>1</sup>. Estas aulas são propostas no e pelo exercício daquilo que chamaremos aqui de ativismo respiratório com a escola pública durante a implementação da educação remota, uma das indispensáveis medidas de distanciamento social para o enfrentamento da pandemia gerada pelo novo Coronavírus.

O termo ativismo é um neologismo criado a partir da contração das palavras arte e ativismo, e é reivindicado por artistas que defendem simultaneamente a natureza artística e ativista de sua prática. As raízes desse termo remontam a uma reunião realizada entre artistas chicanas, chicanos e chicanos do leste de Los Angeles e zapatistas em Chiapas, no México, no verão do ano de 1997. Nessa reunião, política e arte se misturavam: pela manhã discutia-se política e estratégia, à tarde fazia-se arte; enquanto zapatistas denunciavam os helicópteros caindo sobre as comunidades indígenas, artistas reportavam os helicópteros policiais que sobrevoavam os guetos de Los Angeles (LANGLOIS, 1997). Assim, as palavras ativismo e artista foram popularizadas tanto por participantes dessa reunião quanto por uma série de eventos, trabalhos e coletivos artistas que se identificavam com a mistura entre ativismo e arte.

Entre esses artistas podemos mencionar o performeiro chicano Guillermo Gómez-Peña, o qual fundou o coletivo La Pocha Nostra em Los Angeles, nos Estados Unidos, em 1993 e desde então tem defendido o engajamento político, ético e estético de artistas enquanto meio de combate às formas de injustiça e opressão que acometem os corpos enquadrados socialmente como subalternos. Para Guillermo Gómez-Peña, esse engajamento seria fundamental para a criação de um senso de responsabilidade social em artistas e intelectuais, e não por



# manzuá

acaso tem desenvolvido junto ao La Pocha Nostra uma pedagogia da performance inspirada em movimentos como o Zapatismo, em *workshops* e oficinas que acontecem em vários países do mundo – inclusive no Brasil (GÓMEZ-PEÑA, 2011).

## **2. Por uma poética da respiração: a arte por instrução como inspiração na criação de vídeo aulas de performance**



Respirações: Série Horizontes – Maio/2020 – Arquivo Coletivo Parabelo

Nesta perspectiva, o Coletivo Parabelo tem desenvolvido uma ação pedagógica performática denominada Respirações. Trata-se do desenvolvimento de vídeo aulas de performance em diálogo com aquilo que o historiador de arte estadunidense Bruce Altshuler nomeou como arte por instrução (ALTSHULER, 2008). Para a artista japonesa Yoko Ono, a arte por instrução tem como principal característica a abertura do que ela chama de espaços de respiro: palavras que são poesias, poesias que são pinturas, pinturas que são palavras, pois abrem diálogos rápidos, breves, efêmeros que oxigenam, ventilam, arejam as separações entre os lugares da arte e os lugares do cotidiano (ONO apud KVARAN, 2007). Nesse viés, as vídeo aulas de performance são concebidas à medida em que um professor performer (CIOTTI, 2014) leva a cabo uma instrução em uma tela, experimentando os

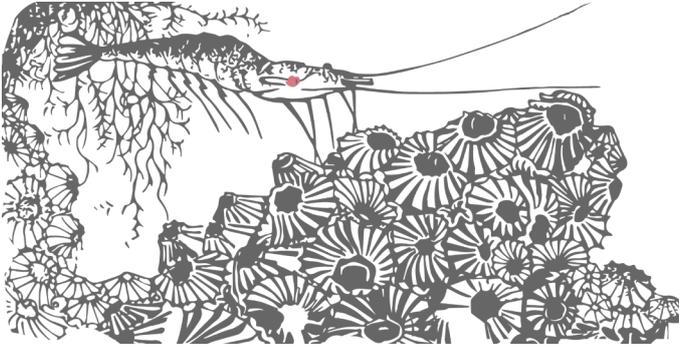


# manzuá

elementos discursivos das linguagens videográficas, a fim de acionar uma ação que gera outras ações performáticas no trânsito entre a vida *on* e *offline*, conforme abrem espaços tempos de performance que instabilizam as separações estanques entre professor, aula e aluno, bem como, entre artista, obra e espectador.

Ainda de acordo com Yoko Ono, desde a simples leitura a arte por instrução coloca em xeque as separações rígidas entre artista, obra e espectador ao fazer da participação o ponto nevrálgico do acontecimento artístico (ONO apud KVARAN, 2007). Dessa forma, a arte por instrução problematiza noções caras a entendimentos convencionais acerca do que é ou não arte, ao questionar aquilo que é compreendido como criação, originalidade e autoria em uma determinada prática artística, pois o propositor de uma instrução experimenta uma certa perda de controle sobre se, como, quando e onde poderá vir a ser levada a cabo a ação proposta. Isto porque, a arte por instrução pode ser feita por qualquer um, a qualquer hora e em qualquer lugar, uma vez que o que está em jogo são os modos nos e pelos quais cada um de nós organiza uma instrução na ativação da co-presença corporal no compartilhamento dos sentidos que emergem no espaço-tempo presente, ou seja, no fluxo de forças no e pelo qual a percepção corporal é traduzida em formas gestuais, imagéticas, verbais etc. Dessa maneira, ao propor vídeo aulas de performance a partir da arte por instrução, as Respirações estão interessadas nas maneiras pelas quais cada corpo segue, interpreta e compartilha – ou não – os sentidos de cada instrução, sem qualquer preocupação com aquilo que convencionalmente chamamos socialmente de certo ou de errado.

Nesse sentido, é importante mencionar uma diferenciação feita pela historiadora da arte estadunidense Natilee Harren, a respeito



# manzuá

dos modos de composição de uma instrução, o que pode contribuir para pensarmos na qualidade dos vínculos que têm emergido durante a realização das Respirações. De acordo com a historiadora, a arte por instrução pode assumir tanto um caráter imperativo, na e pela interpelação para a realização de uma determinada ação, de um modo bastante específico, assim como pode ter um caráter propositivo, quando sugere a realização de ações nas e pelas quais os sentidos são emergentes, elaborados e compartilhados a partir de uma certa instrução (HARREN, 2020). Dessa forma, é possível inferir que uma instrução de caráter imperativo se aproxima dos enunciados proferidos por professores, no sentido convencional do termo, ao denotar um certo passo a passo que deve ser obedecido de maneira irrestrita por alunas, alunes e alunos. Por sua vez, uma instrução de caráter propositivo se assemelha aos enunciados de um professor performer nos e pelos quais alunes, alunas e alunos se tornam experimentadores em arte em um contexto em que ensinar é, acima de tudo, um processo de criação, aprendizagem e experimentação (CIOTTI, 2014).

Por este viés, vale pontuar que o ativismo respiratório também decorre na possibilidade de abertura de espaços tempos de respiro, o que demanda uma certa atitude crítica acerca dos automatismos corporais, perceptivos e cognitivos que reproduzimos em um dado contexto, à medida em que deslocamos o entendimento de que a arte por instrução consiste em uma prática artística extremamente elitista, hermética e acadêmica no sentido pejorativo da expressão, sobretudo, ao ser associada exclusivamente ao que tem sido chamado de Arte Minimalista, ou ainda, Arte Conceitual. Em alusão ao artista Fluxus dinamarquês Eric Andersen, poderíamos afirmar que ao utilizarmos a arte por instrução como ponto de partida para a criação



# manzuá

de vídeo aulas de performance com o CIEJA Ermelino Matarazzo, evidenciamos que a única possibilidade de enquadrarmos tais práticas artísticas como minimalistas ou conceituais se dá graças à sua precariedade, ou mesmo, ao seu baixo custo, o que implica no reconhecimento de que trata-se de uma prática artística *a priori* desenvolvida justamente em um contexto de escassez de recursos, a exemplo da afirmação do próprio artista: fazemos arte por instrução porque somos pobres (ANDERSEN, 2008).

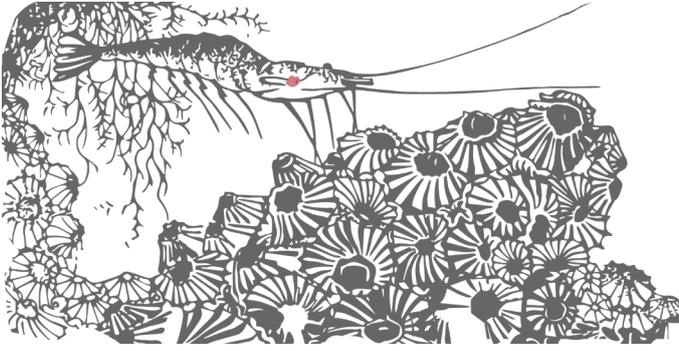
Ainda segundo Eric Andersen, a utilização da arte por instrução na criação das chamadas partituras na e pela famosa comunidade de artistas Fluxus, permitiu com que pela primeira vez na história oficial da arte, as filhas, filhas e filhos de famílias pobres pudessem praticar arte experimental, simultaneamente, em diversas partes do mundo, nos idos dos anos sessenta do século passado. Conseqüentemente, a realização das Respirações configura uma espécie de ativismo respiratório ao passo em que procura garantir o exercício do direito universal à respiração, ao promover a democratização da contextualização, da produção e da fruição artística como uma possibilidade de mantermos vivos os nossos vínculos com o chão da escola pública – especialmente no que diz respeito aos desafios enfrentados pela educação básica no corrente contexto da pandemia sanitária, agravada pelo pandemônio político-econômico e cultural que sufoca professores, estudantes e comunidade escolar em todo o país.

Por sua vez, a ideia de abrir espaços tempos de respiro ao acionar uma ação que gera outras ações, faz referência à concepção de aula de performance elaborada pela professora performer pesquisadora Denise Rachel, a qual tem como foco a contextualização, produção e fruição da arte da performance, em diálogo com a Abordagem



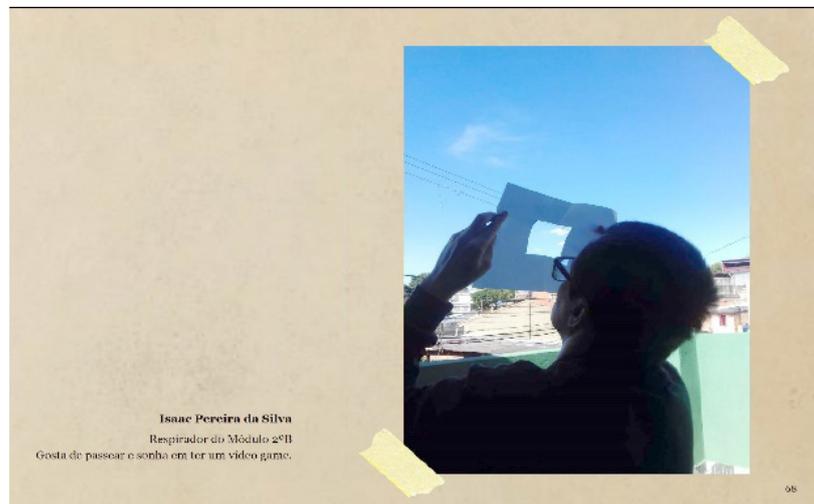
# manzuá

Triangular proposta pela educadora brasileira Ana Mae Barbosa (RACHEL, 2014). Essas três ações – contextualizar, produzir e fruir – não seriam algo como etapas ou estágios do processo performático pedagógico, pois apresentam ênfases distintas desse processo. Em uma vídeo aula de performance em diálogo com a arte por instrução, essa ênfase repousaria na produção, compreendida não sob um viés produtivista ou utilitarista mas, sobretudo, experimental – a experimentação do que acontece quando um corpo elabora uma instrução, ao acionar a co-presença corporal no compartilhamento do espaço tempo imediato, produzindo sentidos imprevisíveis, contingentes e singulares. O material produzido a partir dessa experimentação corporal gera diversas formas gestuais, textuais e visuais que são compiladas em uma publicação digital e impressa sob demanda intitulada Caderno para Respirar, confeccionada pelo Coletivo Parabelo e disponibilizada quinzenalmente no site do próprio coletivo para *download* gratuito para toda a comunidade escolar conectada com a internet.



# manzuá

## 3. Para uma ética do sopro: respirações boca a boca com estudantes assombrados pela fantasmagoria da barbárie digital



Isaac Pereira da Silva – Respirações Série Janelas – Junho/2020 –  
Arquivo Coletivo Parabelo

Nesse âmbito, as vídeo aulas de performance apostam na arte por instrução como uma possibilidade de singularização dos ritmos corporais, ao compreender o ato de respirar também como um certo exercício de um ritmo poético – em referência ao poeta alemão Friedrich Hölderlin (BERARDI, 2020). Por sua vez, respirar como o exercício de um ritmo poético exige com que atentemos à singularidade dos ritmos de cada corpo em detrimento de reproduzirmos os pilotos automáticos cognitivos das telas. Isto porque, estudar remotamente no país irrespirável pode implicar com que professores e estudantes confundam e sejam confundidos com uma espécie de fantasma digital. Como é sabido, a promoção da educação remota impôs a abrupta substituição da co-presença corporal no espaço



# manzuá

tempo imediato concreto da sala de aula, por variadas formas de telepresença nas quais a aparição dos professores e dos alunos se dá por meio de *pixels* e *bits*, cuja dimensão espectral nos mantém aprisionados em telas fantasmagóricas por horas a fio, nos cômodos das nossas casas.

Se, por um lado, tal adensamento da invasão das tecnologias digitais nas nossas vidas cotidianas promete acentuar o que tem sido chamado de teledependência (BAITELLO JR., 2012), a qual alguns professores e estudantes já estavam submetidos, por outro lado é igualmente importante lembrar que a imensa maioria dos estudantes da rede de ensino básica pública brasileira sequer dispõe do privilégio de alguma forma de aparição nas telas. De modo que podemos falar em povos desaparecidos entre os *pixels* e *bits* do excesso das atividades escolares remotas – principalmente, no que diz respeito à população indígena, preta, parda e pobre no Brasil, segundo um levantamento de dados feito pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) em pareceria com a Rede de Pesquisa Solidária, com base nas informações da Pnad-Covid do IBGE.<sup>2</sup> Impossibilitados de responderem: presente, professora, tais estudantes faltam frequentemente sob o risco de não fazerem falta para ninguém. Sem corpo, um fantasma não consegue sentir falta de nada, pois se todo fantasma é necessariamente a falta de um corpo, esse é um dos perigos que corremos ao permanecermos constantemente conectados e assombrados pelo que tem sido denominado como barbárie digital (AGAMBEN, 2020).

Nesse aspecto, a criação de vídeo aulas de performance a partir da arte por instrução emerge como uma possibilidade de continuarmos respirando juntos, ao acionar um dado artivismo respiratório na e pela abertura de espaços tempos de respiro em que



# manzuá

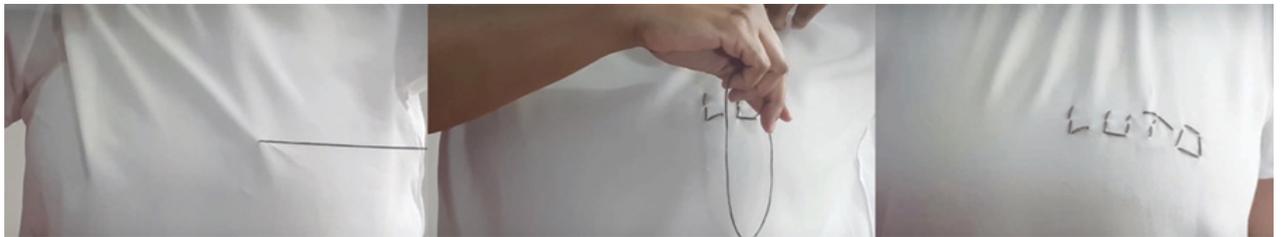
não estejamos necessariamente sufocados pelas conexões com as telas, mas que se assemelhem com uma respiração boca a boca. Isto é, à medida em que uma instrução pode ser transmitida no e pelo bom e velho boca a boca, ainda que de modo bastante incipiente, temos conseguido fazer com que as instruções cheguem aos estudantes que, por uma razão ou outra, não possuem acesso às tecnologias digitais conectadas à internet; paulatinamente temos conseguido possibilitar até mesmo a eventual participação de familiares de diversos membros da comunidade escolar durante a realização das Respirações.

Assim, o ativismo respiratório também está relacionado com a possibilidade de soprarmos uma instrução no e pelo boca a boca com aqueles corpos estudantes, cuja forma de vida está desaparecendo porque não podem comparecer à escola, porque não podem aparecer na e pela conexão das telas, mas que devemos nos recusar em transformá-los em meros números dos índices de medição da evasão escolar, sempre à ronda da educação básica brasileira, especialmente no que tange à educação de jovens e adultos. Nesse viés, agir à altura do que temos chamado aqui de ativismo respiratório consiste em exercitar o direito universal à respiração, como uma recusa da transformação dos estudantes da educação básica em simples estatísticas, a exemplo do que tem ocorrido com quem morre sufocado pelo vírus, pela violência policial, pela violência da desigualdade racial, de gênero e social, no país que não consegue respirar porque mal sabe contar seus mortos.



# manzuá

## 4. Pedagogia da correspiração: o papel dos temas geradores antes e para além do sufoco do excesso de atividades remotas



Respirações: Série Luto – Agosto/2020 – Arquivo Coletivo Parabelo

Ao optarmos por desenvolver vídeo aulas de performance através da chamada arte por instrução com os estudantes do CIEJA Ermelino Matarazzo, *a priori* nosso intuito era questionar, repensar e mesmo deslocar a acentuação da teledependência promovida pela educação remota. Isto porque, as instruções exigem com que cada corpo autoperceba as relações que estabelecem com os ambientes ao seu redor durante a sua execução, de modo que os sentidos corporais são mobilizados no e por cada corpo, de maneira mais ou menos singular na criação dos corpos de sentidos: um relato, uma fotografia, um desenho etc. Portanto, tais instruções convocam nossa capacidade de perceber o instante que decorre do ar que respiramos – em uma alusão à escritora naturalizada brasileira Clarice Lispector. Dessa maneira, respirar é justamente perceber no e pelo corpo o ritmo dos fluxos de troca com os ambientes internos e externos, com todos aqueles e com tudo aquilo que flui adentro e afora de cada um de nós. Isto é, respirar sempre implica em participar de alguma forma de correspiração: inspirar, expirar, respirar com os outros, dentro e fora de nós.



# manzuá

Para o filósofo italiano Franco Berardi, é precisamente a partir da respiração de cada corpo que estabelecemos uma certa correspiração que permite respirarmos juntos uns com os outros (BERARDI, 2020), seja em um determinado grupo, em uma dada coletividade ou, se preferirmos, de algo que também poderia ser chamado de comunidade, como a supracitada comunidade escolar. Se recordarmos que uma instrução pode ser uma poesia, é interessante pensarmos que, para o referido autor, a poesia é aquilo que pode nos ajudar a reativarmos a respiração que nos tira do sufoco que nos encontramos em uma determinada situação. Como apontamos acima, o autor compreende o ato de respirar como um certo exercício de um ritmo poético, conforme a poesia emerge na e pela singularização dos ritmos corporais.

Nessa perspectiva, durante a realização das Respirações temos criado instruções a partir de temas geradores (FREIRE, 1981) os quais emergem dos medos, angústias, frustrações, ansiedades, desejos e sonhos manifestados pelos próprios estudantes e professores ao longo do desenvolvimento da ação pedagógica performática. A partir de Paulo Freire, compreendemos que o trabalho com temáticas significativas tanto para corpos discentes quanto docentes é uma condição elementar na tentativa de estabelecer relações dialógicas, mesmo com todas as dificuldades que concernem à educação remota. Pois, o tema gerador emerge justamente nas e pelas relações pedagógicas performáticas, conforme questionamos a naturalização das nossas relações sociais, culturais, políticas e econômicas na corrente vida cotidiana, onde a todo momento temos sido constrangidos a aceitar a digitalização de toda sorte de desigualdade, como uma condição incontornável do que tem sido chamado de novo normal. Desse modo, os temas geradores



# manzuá

emergem conforme escovamos a contrapelo aspectos relativos ao novo normal na e pelas ações das Respirações que geram outras ações decorrentes da emergência de sentidos contestatórios, compartilhados e não consensuais a respeito da nossa sobrevivência em tempos de educação remota no país irrespirável.

Desse modo, cada um pode contribuir a partir de um certo ponto de vida (COCCIA, 2020) em posicionamentos que não raro estão imiscuídos pelo corrente ponto de vista conservador acachapante, diante dos quais procuramos, sempre que possível, nos colocar de modo sensível a fim de não criarmos cristalizações, demonizações e polarizações que dificultam, impedem e mesmo impossibilitam com que possamos reconhecer a multiplicidade de pontos de vida no e pelo exercício da correspiração, ao experimentarmos seguir, interpretar e acionar – ou não – uma instrução gerada precisamente no e pelo exercício da correspiração uns com os outros. Nesse aspecto, vale pontuar que tais instruções recorrentemente se assemelham à poesia como gênero literário, especificamente no que diz respeito à denominada literatura de cordel, em uma tentativa de diálogo com o contexto de origem de grande parte das alunas, alunes e alunos do CIEJA, uma vez que o corpo discente da unidade escolar é majoritariamente composto por migrantes nordestinos, especialmente do estado da Bahia.

Dessa forma, o ativismo respiratório emerge conforme a ação Respirações possibilita que professores, estudantes e a comunidade escolar exerçam o direito à respiração ao manter o vínculo com o chão da escola pública na educação básica, sem necessariamente sucumbirmos ao escárnio polarizado, ao excesso de demandas sufocantes do teletrabalho, bem como, ao imediatismo asfixiante da educação remota. Para tanto, procuramos organizar o processo



# manzuá

de contextualização, produção e fruição da ação pedagógica performática *Respirações em quinzenas*, separadas a partir dos temas geradores responsáveis pela divisão desta ação em séries temáticas. Tais séries não constituem temáticas estanques, mas que dialogam entre si por estarem mergulhadas nas situações-limite (FREIRE, 1981) que experienciamos em diferentes níveis no decorrer das crises sanitária, econômica e política que assolam o país. Em cada série temática, almejamos interpelar diferentes aspectos dessas situações-limite, na tentativa de não cedermos à asfixia proveniente da sensação de impotência diante das exigências do suposto novo normal, que muitas vezes nada mais é senão a radicalização da privação de condições básicas de existência.

Dessa maneira, até o presente momento foram realizadas ao todo sete séries intituladas respectivamente: *Horizontes*, *Janelas*, *Distâncias*, *Poder*, *Luto*, *Indignação* e *Futuro*. Cabe ressaltar que realizaremos ainda uma oitava série intitulada *Saudade*, a partir de um diálogo estabelecido entre o Coletivo *Parabelo*, o CIEJA *Ermelino Matarazzo*, a disciplina de *Metodologia do Ensino das Artes Visuais IV* do Departamento de *Artes Plásticas* da Universidade de São Paulo – CAP/USP e a *Escola Municipal de Educação Básica Professor José Getúlio Escobar Bueno*, localizada na periferia da cidade de São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo. Ademais, as referidas séries também foram apresentadas para professores de arte das *Diretorias Regionais de Ensino – DRE Penha e Jaçanã*, em um curso de formação oferecido pela rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, cujo objetivo era precisamente debater aquilo que o denominado *Currículo de Arte* compreende como a área de *Artes*, especificamente no que concerne à *Educação de Jovens e Adultos – EJA*.



# manzuá

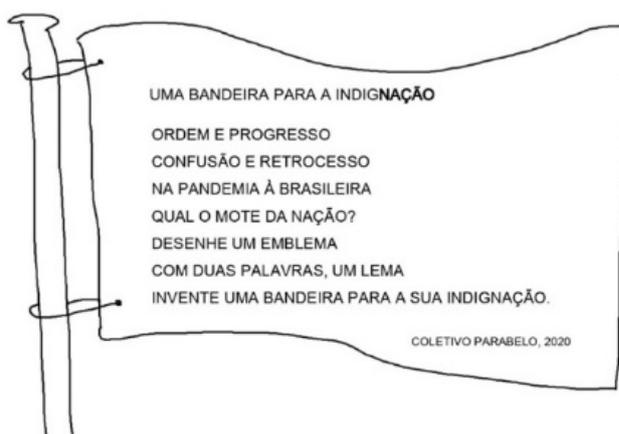
Por conseguinte, ao longo da realização de cada uma dessas séries, temos compreendido que a criação de vídeo aulas de performance a partir da arte por instrução também aciona um certo ativismo respiratório ao convocar uma possível atitude crítica. Tal atitude crítica pode ser assumida não só em relação às regras que estabelecem as convenções que determinam as práticas, as instituições e as definições daquilo que se compreende como arte ou não, mas também pode confrontar a dimensão marcadamente instrucional que caracteriza as relações sociais no âmbito da vida cotidiana do que tem sido chamado de Sociedade Pedagogizada (RANCIÈRE, 2011) – conforme tem sido escancarado pela exigência da necessária obediência às medidas de distanciamento social, no atual contexto pandêmico.

Grosso modo, a ideia de uma sociedade pedagogizada, de acordo com o filósofo francês Jacques Rancière, diz respeito à reprodução em escala social de uma política instituída em um contexto pedagógico convencional, em que há a manutenção de uma assimetria entre o saber dos professores e o saber dos alunos, alunas e alunes. Assim como os primeiros mantêm uma condição de desigualdade em relação aos segundos, inculcando-lhes uma ideia de que são atrasados e possuem uma constante necessidade de explicação para sair da condição de ignorância; essa condição de desigualdade se perpetua socialmente na relação entre a classe dominante e o restante da população encarada como uma massa de ignorantes, que possuem uma contínua necessidade de instrução, geralmente no sentido explícito do termo, pretensamente responsável pelo cumprimento da dita promessa de igualdade de direitos em nome de um suposto progresso social (RANCIÈRE, 2011).



# manzuá

## 5. Conspirações críticas: questionamento do currículo oculto na normalização da vida digital na educação pública brasileira



Uma bandeira para a indignação – Respirações Série Indignação –  
Setembro/2020 –

Arquivo Coletivo Parabelo

De acordo com Bruce Altshuler, a arte por instrução coloca em xeque as regras da arte, ao mesmo tempo em que pode nos colocar diante das seguintes perguntas: o que significa seguir uma instrução? Quais as consequências de interpretar uma certa regra de uma dada maneira ou de outra? Ou mesmo, no limite: quão rigorosamente deve-se seguir uma ordem, uma regra, uma instrução? (ALTSULER, 2008). Ao nos depararmos com essas questões, podemos levar em conta um dos dizeres do professor performer Allan Kaprow. Em uma edição da coletânea de panfletos *A Great Bear Pamphlet*, dedicada a manifestos escritos por artistas, Allan Kaprow publicou em 1966 um



# manzuá

manifesto sem título em que afirmava que, “conforme a arte se torna menos arte, ela assume o papel inicial da filosofia como crítica da vida” (KAPROW apud HIGGINS, 2002, p. 188, tradução nossa). Não por acaso, Allan Kaprow não só estava ligado à comunidade artística internacional Fluxus, como também desenvolveu boa parte da sua produção artística através da arte por instrução.

Dessa maneira, podemos compreender que a criação de vídeo aulas de performance por meio da arte por instrução igualmente aciona um ativismo respiratório, enquanto propõe uma prática artística que se torna menos arte no sentido convencional do termo, ao sugerir a experimentação de instruções que ampliam as dimensões dos limites da arte, conferindo uma certa artisticidade a diferentes modos de acionamento da co-presença corporal em um espaço-tempo imediato compartilhado. Nesse viés, a pesquisadora estadunidense Hannah Higgins afirma que práticas como a arte por instrução seriam experiências pedagógicas por excelência, isto é, seriam formas de fazer educação (HIGGINS, 2002). A exemplo do educador brasileiro Paulo Freire, a autora compreende a educação como uma experiência transformadora, baseada na comunicação, no diálogo e na criação de vínculo uns com os outros, a partir do qual constitui-se um significado compartilhado do que seja a vida e do que temos feito de nossas vidas, mesmo em contextos nos quais a vida dos muitos é dizimada em nome dos excessos, dos luxos e dos dispêndios intrínsecos à forma de vida de poucos.

Assim, ao interpelarmos uns aos outros por meio de vídeo aulas de performance em que experimentamos a arte por instrução, não estamos fazendo outras coisas senão acionando um ativismo respiratório no e pelo exercício do direito universal à respiração, ao procurarmos manter vivos nossos vínculos com a comunidade escolar, ao mesmo



# manzuá

tempo em que buscamos questionar os comandos, ordens e regras que obedecemos ou não diariamente, como tem ocorrido diante dos entraves na adoção das medidas de distanciamento social para o enfrentamento da atual crise sanitária. Ainda nessa perspectiva, a criação de vídeo aulas de performance a partir da arte por instrução promove o ativismo respiratório ao trazer à tona o que o psiquiatra estadunidense Benson Snyder denominou na década de 1970 como currículo oculto. Este entendimento de currículo está em discussão ainda hoje por diversos autores e pode nos ajudar a pensar a respeito da influência deste em nossas práticas performáticas pedagógicas, especialmente no que diz respeito à educação remota.

Em linhas gerais, o currículo oculto consiste no conjunto de normas, costumes e crenças transmitidas em contextos pedagógicos, escolares e educativos para além das grades curriculares que estabelecem e distribuem os conteúdos pedagógicos dos cursos, aulas etc. Dito de outra maneira, o currículo oculto concerne aos acordos tácitos estabelecidos para a manutenção de determinado regime pedagógico, uma dada ordem escolar, ou ainda, uma certa prática educativa. Isto é, o currículo oculto está implícito naquilo que devemos aprender, mas que geralmente extrapola aquilo que está explícito nos conteúdos curriculares, nas salas de aulas, ou mesmo nas instituições escolares, pois trata-se da aprendizagem de ações, gestos e hábitos corporais que se espraiam por toda nossa vida, mesmo nos interstícios da cotidianidade.

De acordo com os educadores espanhóis Gimeno Sacristán e Angel Pérez Gómez, o currículo oculto está relacionado a dimensões sociais, políticas e culturais da realidade que não estão evidentes a princípio no contexto escolar, mas que dizem respeito ao papel social da escola relativo aos níveis de adequação dos corpos docentes e

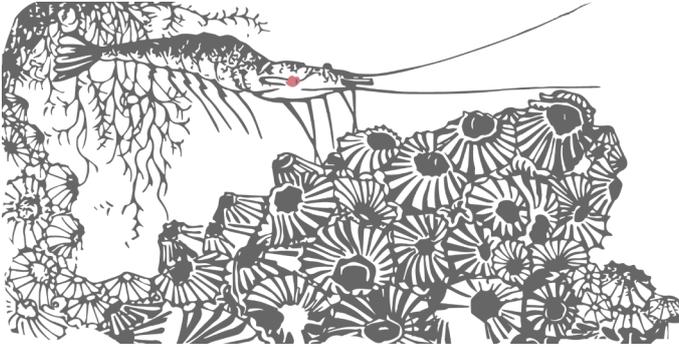


# manzuá

discentes na sociedade (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998). Dessa forma, quando tais implicações sociais, políticas e culturais permanecem ocultas, omitidas e escondidas em relação ao chamado currículo manifesto, acabam por ser acatadas, em grande parte, de modo acrítico na reprodução de uma certa ordem social. Logo, podemos notar que o currículo oculto guarda uma devida relação com o esforço hercúleo que parte dos estudantes, familiares, professores, coordenadores pedagógicos, diretores e demais membros de cada unidade escolar têm feito no desenvolvimento de atividades que visam garantir o bom funcionamento da educação remota, com a finalidade de que possamos de algum modo concluir o ano letivo, apesar de tudo.

Entretanto, ao nos mantermos permanentemente *online*, conectados às telas, a fim de respondermos imediatamente às demandas, desafios e diligências geradas no desenvolvimento das atividades remotas, é igualmente importante nos questionarmos sobre as relações entre o currículo oculto e aquilo que o professor Artur de Vargas Giorgi chamou de normalização da vida virtual, antes e acima de tudo, no que se refere à rede de ensino pública do país (GIORGI, 2020). Para o autor, é preciso nos mantermos críticos em relação à capitalização dos nossos afetos, intimidades e singularidades pelas lógicas extrativistas imanentes aos fluxos de troca virtuais, responsáveis pela mineração dos nossos dados traduzidos em algoritmos que tentam, a qualquer custo, limitar nossas ações à escolha entre produtos e serviços oferecidos por plataformas digitais privadas como *Zoom, Meet, Facebook, Instagram* etc (GIORGI, 2020).

Trata-se das chamadas *Big Techs*, grandes empresas de tecnologia responsáveis pela implementação de técnicas de



# manzuá

persuasão a fim de otimizar o uso das ditas redes sociais. Ao lançarem mão da psicologia através de abordagens *behavioristas* no desenvolvimento de um modelo de negócio digital pautado na devassidão da intimidade de seus usuários, empresas como a *Amazon*, *Microsoft*, *Apple*, *Google*, *Facebook*, dentre outras, são responsáveis pela extração, mineração e monetização de dados adquiridos através da vigilância digital. Para a professora, economista e psicóloga social estadunidense Shoshana Zuboff, tal estágio de desenvolvimento capitalista pode ser denominado como Capitalismo de Vigilância (ZUBOFF, 2019), na medida em que a intensificação da conexão, do monitoramento e da adicção na vida *online* apostam na regulação do comportamento dos usuários, a fim de maximizar a obtenção de lucros para os acionistas das grandes empresas de tecnologia.

Nesse viés, a autora conclui que o desenfreado processo de economicização da atenção dos usuários em nome da financeirização da vida *online*, tem implicado em uma concentração de poder na mão de corporações sem nenhum precedente histórico, uma vez que os usuários em geral não possuem qualquer conhecimento acerca dos processos de exploração dos seus respectivos dados. Em última instância, a emergência do Capitalismo de Vigilância tem colocado o uso das ditas redes sociais no centro de debates acerca da fragilização da saúde mental, da diluição das distinções entre intimidade e empregabilidade, da disseminação dos discursos de ódio, dentre outras questões decorrentes da corrosão de valores como verdade, liberdade, público, privado, solidariedade etc. O que, em suma, coloca em xeque o próprio funcionamento da democracia no sentido pleno do termo, vide o papel nefasto que os ambientes digitais desempenharam no processo eleitoral no âmbito federal e estadual no país irrespirável, durante a famigerada eleição no ano de 2018.



# manzuá

## **6. Artivismo respiratório: em defesa da fundação de uma comunidade de respiradores**

Nesse contexto, parece indispensável recordarmos que, segundo o professor e filósofo John Dewey, somente nos tornamos artistas quando nossa própria experiência é reorientada, ou seja, quando estabelecemos uma relação crítica com nossos atos, ações e hábitos corporais, nas e pelas experiências de modificação dos nossos modos de estar com o mundo (DEWEY apud HIGGINS, 2002). Desse modo, a noção de artivismo respiratório aparece como um lampejo no instante do perigo<sup>3</sup>, para nos fazer lembrar que a criação de vídeo aulas de performance por meio da arte por instrução precisa se manter crítica acerca do mercado do chamado *big data*, que não cessa de se expandir na e pela implementação de uma série de automatismos cognitivos, mediante os quais busca automaticamente transformar cada usuário *online* em produtor e consumidor de uma infinidade de conteúdos digitais (GIORGI, 2020).

Antes e para além disso, ao pensarmos a realização da ação Respirações a partir da noção de artivismo respiratório, nossa tentativa é continuar reafirmando nosso compromisso com a fundação de uma comunidade de respiradores. Estudantes, professores, performadores e pesquisadores que buscam não perder o fôlego vital em meio às vicissitudes do corporativismo dos diplomados, acentuado pela necessidade de conexão permanente na e pela barbárie digital. No mais, as Respirações não podem ser confundidas com outra coisa senão uma tentativa de exercermos o direito universal à respiração na e pela experimentação das tecnologias digitais, cujo intuito primeiro e último é nos esforçarmos para mantermos vivos os vínculos entre estudantes, professores e escola pública em uma unidade de ensino na rede municipal da cidade de São Paulo, durante o corrente estado



# manzuá

de exceção decretado no país.

Por fim, não custa lembrar que para o artista francês Marcel Duchamp o artista não era nada mais, nada menos que um respirador. Desse modo, é possível concluir que a realização da ação pedagógica performática que apresentamos aqui consiste igualmente na afirmação da possibilidade de continuarmos respirando com as respiradoras e os respiradores do CIEJA Ermelino Matarazzo. Respiradores que exercitam um ritmo poético ao respirarem com a escola pública, com o ensino gratuito, com a educação básica, enquanto acionam um ativismo respiratório no e pelo qual experimentamos, ainda que por alguns instantes, formas de sair do sufoco no país irrespirável. Nessa perspectiva, gostaríamos de concluir nosso artigo com um compilado de relatos, de sopros, de sentidos emanados na vibração dos corpos dos respiradores, estudantes do CIEJA Ermelino Matarazzo, com quem temos diariamente aprendido que chegamos até onde chega o nosso sopro, uma vez que o mundo só pode ser respirado<sup>4</sup>. A partir da questão: como você tem experimentado as atividades remotas de artes durante a pandemia? Alguns estudantes realizaram os depoimentos que, à guisa de conclusão, apresentaremos a seguir:

Tenho aprendido muito com as aulas de arte, questões que vão além do desenho e da pintura.<sup>5</sup> Aprendi que arte também é história. A cada aula conhecemos mais histórias de vida, de objetos, de aspectos que não sabíamos que faziam parte da arte.<sup>6</sup> Às vezes é difícil, às vezes nem tanto, acredito que temos dificuldade em compreender o sentido das histórias, pela dificuldade do dia a dia, porque muitos de nós já temos idade acima de 40 anos e nossos compromissos diários nos afastam dessa atitude de parar para pensar e dar sentido às coisas.<sup>7</sup> Mas, apesar da dificuldade, o interesse em aprender é maior.<sup>8</sup> A partir das aulas remotas de arte, posso afirmar que, pouco a pouco,



# manzuá

estou enriquecendo os meus conhecimentos sobre coisas que até então não me despertavam interesse.<sup>9</sup> Aprendi que não existe certo ou errado, porque cada um pode pensar de modos diferentes e precisamos respeitar o pensamento das outras pessoas.<sup>10</sup> Tinha a impressão de que a arte era expressa apenas em quadros, e agora tenho uma visão mais ampla do que a arte significa.<sup>11</sup> Aprendi que a arte não precisa ser bem desenhada, mas bem interpretada.<sup>12</sup> Então, viajo no mundo da arte e na forma como ela pode expressar os sentimentos das pessoas. Através da arte podemos também conhecer lugares e aprender como tudo começou, é maravilhoso! Mudou o meu modo de pensar, pois percebi que não podemos viver sem arte, porque arte gera conhecimento.<sup>13</sup> A arte está em toda parte.<sup>14</sup> Aprendi um pouco de tudo como, por exemplo, sobre a arte por instrução, sobre a artista Yoko Ono e sobre o quanto é importante guardar luto pelas milhares de pessoas que perderam a vida no meio dessa pandemia de coronavírus.<sup>15</sup> A ação Respirações, proposta pelo Coletivo Parabelo, deixa uma janela aberta para que mesmo em meio à tanta dificuldade, desigualdade, dor possamos olhar a vida com mais leveza, com esperança em um futuro melhor. Estamos vivendo um tempo no qual temos que pensar não no individual, mas sim no conjunto, no que podemos fazer para que esse período passe por todos sem causar mais sofrimento. Temos que fazer a nossa parte com responsabilidade, respeito pela vida.<sup>16</sup>



# manzuá

## Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **Réquiem para os estudantes**. Trad. Davi De Conti, maio 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599292-requiem-para-os-estudantes-artigo-de-giorgio-agamben>. Acesso em 16 de setembro de 2020.

ALTSHULER, Bruce. Art by Instruction and the Pre-History of do it. In: **Histories and Theories of Intermedia**. January 5, 2008. Disponível em: <http://umintermediai501.blogspot.com/2008/01/art-by-instruction-and-pre-historyof.html?m=1>. Acesso em 16 de setembro de 2020.

ANDERSEN, Eric. In Mezzo a Quattro Tempi. In: HENDRICKS, Jon; with BECH, Marianne & FARZIN: **Media. Fluxus Scores and Instructions: the Transformative Years**. The Gilbert and Lila Silverman Fluxus Collection, Detroit. Museum of Contemporary Art, Roskilde, Denmark, 2008.

BAITELLO JR., Norval. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. Porto Alegre: Editora Unisinos, 2012.

BERARDI, Franco. **Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2020.

CIOTTI, Naira. **O professor-performer**. Natal: EDUFERN, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GIORGI, Artur Vargas. O "novo ruim": sobre uma máxima brechtiana. In: **Revista Cult**, ano 23, São Paulo, set. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-novo-ruim/>. Acesso em 16 de setembro de 2020.

HARREN, Natilee. Diagramming Form, from Graphic Notation to the Fluxus Event Score. In **Fluxus Forms: Scores, Multiples, and the Eternal Network**. Chicago: The University of Chicago Press, 2020, pp. 27-70.

HIGGINS, Hannah. Teaching and Learning as Art Forms: Toward a Fluxus-Inspired Pedagogy. In **Fluxus Experience**. Berkeley and Los Angeles, University of California Press, 2002, pp. 187-208.

KVARAN, Gunnar B. Yoko Ono: Memórias Horizontais. In: **Catálogo da exposição Yoko Ono, uma retrospectiva**. Trad.: Regina Alfarano. São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2007, pp. 54-57.

LANGLOIS, Jessica. How Mexico's zapatistas helped inspire a feminist,



# manzuá

chicana art movement in East LA. **LA WEEKLY**. March 3, 2017. Disponível em: <https://www.laweekly.com/how-mexicos-zapatistas-helped-inspire-a-feminist-chicana-art-movement-in-east-l-a/>. Acesso em 18 de setembro de 2020.

MBEMBE, Achille. **O direito universal à respiração**. Trad. Ana Luiza Braga. Col. Pandemia Crítica, vol. 20. São Paulo: n-1, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/020> . Acesso em 16 de setembro de 2020.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. Introduction: Performance as a radical pedagogy - a brief story. In: GÓMEZ-PEÑA, Guillermo; SIFUENTES, Roberto. **Exercises for rebel artists: radical performance pedagogy**. New York: Routledge, 2011, p.01-09.

RACHEL, Denise Pereira. **Adote o artista não deixe ele virar professor: reflexões em torno do híbrido professor performer**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. (Coleção PROPG Digital- UNESP). ISBN 9788579835995. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/11449/126210> >. Acesso em 16 de setembro de 2020.

RACHEL, Denise Pereira. **Escrever é uma maneira de sangrar: estilhaços, sombras, fardos e espasmos autoetnográficos de uma professora performer**. Tese (Doutorado em Artes). Orientadora: Profa. Dra. Carminda Mendes André Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, São Paulo, 2019. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/11449/182305> >. Acesso em 18 de setembro de 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Trad. Lílian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática? In: **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. São Paulo: Artmed, 1998, pp. 119-148.

ZUBOFF, Shoshana. **The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power**. New York: Public Affairs, 2019.



# manzuá

## (Notas Finais)

1 - O Coletivo Parabelo tem realizado aulas performáticas e aulas de performance com o CIEJA Ermelino Matarazzo, onde a integrante do coletivo, Denise Rachel, atua como professora performer e pesquisadora responsável pela disciplina de arte desde 2012. Para mais informações a respeito das aulas performáticas e das aulas de performance realizadas com o CIEJA Ermelino Matarazzo, acesse a dissertação de mestrado "Adote o artista não deixe ele virar professor: reflexões em torno do híbrido professor performer" (RACHEL, 2014), a tese de doutorado "Escrever é uma maneira de sangrar: estilhaços, sombras, fardos e espasmos autoetnográficos de uma professora performer" (RACHEL, 2019) e o site do Coletivo Parabelo: <http://www.coletivoparabelo.com/>

2 - Em matéria publicada no portal G1 é possível encontrar a quantificação de uma desigualdade racial estrutural no Brasil relativa ao acesso à educação formal, mesmo diante das iniciativas governamentais das últimas décadas em prol da universalização do acesso à educação, tal acesso tem sido cada vez mais dificultado no Brasil, especialmente durante o período de pandemia. Para mais informações vide: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/09/10/numero-de-estudantes-negros-pardos-e-indigenas-sem-atividade-escolar-durante-a-pandemia-e-quase-3-vezes-maior-que-de-brancos.ghtml>. Acesso em 16 de junho de 2020.

3 - Em referência à tese número 6 de Walter Benjamin "Sobre o conceito de história", em que o filósofo alemão propõe a impossibilidade de conhecermos o passado a não ser como um "relampejo no momento do perigo", o qual nos faz compreender a importância dessas centelhas do passado como possibilidade de não sucumbir ao conformismo no presente. Para mais detalhes vide: BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 224.

4 - Em referência ao pensamento do filósofo italiano Emanuele Coccia. Vide: COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018, pp. 59-60.

5 - Trecho escrito pelo respirador Cicero Ferreira do Módulo 3°C.

6 - Trecho escrito pela respiradora Maria Girleide Lima de Carvalho do Módulo 3°C.

7 - Trecho escrito pela respiradora Fátima Soares dos Santos do Módulo 3°B.

8 - Trecho escrito pela respiradora Soeli Gomes dos Santos do Módulo 3°B.

9 - Trecho escrito pela respiradora Marilena Luiz Vila do Módulo 4°C.

10 - Trecho escrito pela respiradora Lenalva Jesus Honorato do Módulo 3°F.

11 - Trecho escrito pela respiradora Ildicy de Miranda dos Santos do Módulo 3°A.

12 - Trecho escrito pela respiradora Sonia Maria da Silva Souza do Módulo 3°B.

13 - Trecho escrito pelo respirador Cassio Costa do Módulo 3°F.

14 - Trecho escrito pela respiradora Francinete Silva Romano do Módulo 3°A.

15 - Trecho escrito pela respiradora Eliane Lopes da Silva do Módulo 3°D.

16 - Trecho escrito pela respiradora Sílvia de Athayde Lima do Módulo 4°B.